

Piloto é indiciado

Fotos: Bruno Peres/CB/D.A Press



Após passar por perícia da Polícia Civil no fundo do lago, a lancha foi retirada ontem pelos bombeiros. Novos testes vão avaliar se a embarcação apresenta problemas técnicos

» SAULO ARAÚJO
» LEILANE MENEZES

O técnico em informática José da Rocha Costa Júnior, 33 anos, condutor da embarcação que naufragou no Lago Paranoá na madrugada do último sábado, foi indiciado ontem por **homicídio culposo** (quando não há intenção de matar). O delegado que conduz as investigações, Silvério de Andrade, chefe da 9ª DP (Lago Norte), decidiu adiantar sua conclusão devido à combinação de três fatores: o laudo preliminar dos mergulhadores do Instituto de Criminalística da Polícia Civil, que não constatou nenhuma avaria no casco do barco; a superlotação da lancha e o fato de o piloto não orientar as pessoas que não sabiam nadar a usarem coletes salva-vidas. Pela manhã, os corpos das irmãs Juliana, 21 anos, e Liliane Queiroz de Lira, 18, foram localizados no lago. A embarcação também foi retirada. Nela, os militares recolheram uma garrafa de licor e uma lata de cerveja.

Outro fato que pode agravar a situação de Júnior são os exames de alcoolemia que serão feitos por legistas do Instituto de Medicina Legal (IML) nos cadáveres das jovens. Ao **Correio**, Silvério disse que o procedimento é capaz de indicar com precisão quanto de álcool elas ingeriram no momento da tragédia. “Sabendo o quanto as jovens beberam, podemos ter uma noção do quanto ele (o piloto) bebeu”, ressaltou o delegado.

Ontem, o webdesign Welvis Fernandes da Silva, 24 anos, prestou depoimento. Ele filmou a embarcação lotada momentos antes de ela afundar. Ao delegado, o jovem disse que viu, sim, algumas pessoas com garrafas e copos na mão. “O depoimento dele serviu para corroborar que havia gente consumindo bebida na embarcação”, reforçou Silvério. A irmã das vítimas, a cabeleireira Rita de Cássia Queiroz, 26 anos, iria depor ontem à tarde, mas o delegado entendeu que ela não tinha condições psicológicas de comparecer à 9ª DP.

Coletes

Até agora, sabe-se que a lancha dispunha de cinco coletes salva-vidas. Três foram encontrados pelos bombeiros no dia do naufrágio, um outro foi entregue ontem na 9ª DP. Um coronel da PM, cujo nome não foi divulgado, disse que nadava no lago quando viu o equipamento flutuando. Já o quinto colete estava preso à lancha. Ou seja, a embarcação trafegava com

» Resultado em até 20 dias

» A perícia na lancha feita pelo Instituto de Criminalística deve ser concluída entre 15 e 20 dias. Será avaliado o sistema mecânico da embarcação, pois não está descartado que a bomba possa ter parado de funcionar, facilitando a entrada de água. O procedimento não mudará a tipificação penal no inquérito que o condutor responde, mas ajudará os investigadores a esclarecer a dinâmica da tragédia.

Punição

A pena para homicídio culposo é de um a três anos. Já para o homicídio doloso (quando há a intenção de matar), o Código Penal Brasileiro prevê de 12 a 30 anos.

seis coletes a menos, já que havia 11 pessoas a bordo — seis a mais que a capacidade da lancha, que foi periciada pela Polícia Civil no fundo do lago. “Ele (Júnior) agiu com negligência”, afirmou o delegado.

O IML liberou os corpos das irmãs, por volta das 17h de ontem. A primeira avaliação dos peritos aponta para afogamento. As certidões de óbito, porém, não vieram com as causas das mortes. É preciso esperar até 10 dias pelo resultado do laudo cadavérico. Um outro teste, este com material retirado das vísceras suprarrenais, pode dizer se as duas gastaram o estoque de adrenalina do corpo ou seja se houve luta pela sobrevivência e durante quanto tempo. “Como os corpos ficaram três dias na água, fica difícil ter esse tipo de resposta pelo estado de decomposição”, afirmou o diretor do IML, Malthus Fonseca.

O trabalho dos peritos começou ao meio-dia. O primeiro passo foi identificar oficialmente os corpos, por meio das impressões digitais. Em seguida, os médicos fizeram exames radiográficos (para saber a situação dos ossos), ectoscópico (uma inspeção externa dos cadáveres) e interno — para identificar as condições dos órgãos e cavidades, com enfoque para o sistema respiratório. Os corpos estavam em fase enfisematosa, um período de formação de gases. “Ainda não tinham boiado porque estavam em uma profundidade muito grande (25m). Jam demorar mais um dia pra boiar”, concluiu o diretor do IML.



No barco retirado, foram encontradas uma lata de cerveja e uma garrafa de licor



Velocidade que o condutor disse estar conduzindo a lancha no momento do acidente. Com o lastro vazio, a embarcação pode chegar a 50km/h



A perícia agora vai mostrar os motivos do afundamento, o que nos ajudará a apontar os responsáveis”

Rogério Leite, delegado fluvial e comandante da Capitania dos Portos

Marinha vai apurar causas

Paralelo à investigação da Polícia Civil, a Marinha do Brasil também iniciou os trabalhos de perícia técnica. Para saber como a lancha naufragou em menos de 15 segundos, a embarcação será colocada na água. Se ela flutuar, conclui-se que o acidente foi causado por falha humana. A parte técnica será revista, assim como o motor da embarcação, que também passará por uma vistoria.

A perícia vai avaliar ainda se os lastros (compartimentos usados para dar estabilidade à lancha, batizada de Front Rooll) estavam cheios ou vazios na hora do naufrágio. “A perícia agora vai mostrar os motivos do afundamento, o que nos ajudará a apontar os responsáveis. Esperamos que todas essas perguntas sejam respondidas no prazo de 90 dias. Não pretendemos estendê-lo”, afirmou o comandante da Capitania dos Portos de Brasília, delegado fluvial Rogério Leite.

A hipótese mais provável do acidente é que o condutor teria desacelerado a lancha bruscamente. A manobra teria arremessado os ocupantes para um mesmo lado da embarcação, fazendo, logo em seguida, com que todo o espaço fosse inundado pela água em poucos segundos. No seu depoimento à polícia, Júnior contou que navegava a uma velocidade de 10 milhas, o que corresponde a 22 km/h — com o lastro vazio, a embarcação pode chegar a 50km/h. (SA)

» entrevista
JOSÉ DA ROCHA COSTA JÚNIOR

“Não sou um monstro”

“Eu daria minha vida para salvar a vida delas”. Com essa frase o técnico em informática José da Rocha Costa Júnior, 33 anos, iniciou a entrevista concedida ontem ao **Correio**. Pivô da maior tragédia da história do Lago Paranoá, segundo o Corpo de Bombeiros e a Marinha, ele tentou justificar os motivos que o fizeram transportar 11 pessoas numa lancha fabricada para carregar seis. Assume ter errado e diz estar pronto para aceitar o julgamento da Justiça e da sociedade.

Agora que o delegado o indiciou por homicídio culposo, o que dirá em sua defesa?

Não estou preocupado com o julgamento dos tribunais, da Justiça, da sociedade e da imprensa. A única coisa que eu penso agora é na família dessas meninas, que deve estar sofrendo muito. Se tiver que ir para cadeia, vou de cabeça erguida, mas nunca me perdoarei de não conseguir salvá-las. Eu daria a minha vida para salvá-las.

Algumas pessoas que estavam na lancha afirmam que você bebia. É verdade?

Tomei apenas uma latinha (de cerveja) no churrasco. Na lancha, fiquei tomando energético.

Por que você permitiu que 10 pessoas entrassem na sua embarcação?

Na verdade, fiquei meio receoso de danificar a embarcação, mas procurei não dar uma de chato. É uma lancha que resiste a muito peso. Sei que estava errado de andar com excesso de passageiros, mas tenho quase certeza que essa não foi a causa determinante. Acho que isso vai ficar claro após a perícia.

Pretende ir ao enterro das duas irmãs?

Não. Acho que esse é um momento da família. Tudo está muito recente e não gostaria de me expor ainda mais.

Por que não pediu para as pessoas usarem colete, principalmente as que não sabiam nadar?

Nem pensei nisso. Ninguém pede para uma pessoa colocar colete quando vai navegar. Essa questão só foi levantada depois do acidente, mas se você circular pelo lago não vai ver ninguém usando, até porque não é obrigatório.

Como está levando a vida depois da tragédia?

A família e os amigos estão sendo fundamentais neste momento difícil. Eu estava acompanhando tudo no noticiário, ainda querendo acreditar que elas estavam vivas. Parece que não acordei de um pesadelo. Não como, não durmo, não tenho disposição para nada. Minha vida está destruída.

O que diria para as pessoas que estão lendo esta entrevista?

Que eu não sou o monstro que estão falando. Em 2 de novembro do ano passado, uma menina morreu afogada no Lago Paranoá e eu fui o primeiro a resgatá-la nessa mesma lancha que afundou. Tirei ela (sic) da água, fiz massagem e respiração boca a boca, mas, infelizmente, ela não resistiu. Mesmo assim, a família ficou muito agradecida a mim.

» Leia mais sobre o acidente no lago nas páginas 22 a 24